



FAMILIAS ESPALHADAS: CIRCULAÇÃO E MOVIMENTO NA CONFIGURAÇÃO DE MATERNIDADES E PATERNIDADES EM CABO VERDE

Andréa de Souza Lobo¹

Neste trabalho quero trazer para a discussão a constituição dos conceitos de paternidade e maternidade em Cabo Verde, sociedade crioula que se configura como resultado do encontro de duas vertentes civilizatórias, a africana e a européia, e historicamente caracterizada pelas proporções de seu fenômeno migratório. A dinâmica familiar que analiso apresenta características de matrifocalidade permeada pelo valor dado à categoria mobilidade. O movimento entre países, ilhas e casas marca o ciclo de vida dos cabo-verdianos desde a infância à vida adulta, se constituindo como um valor importante na definição de uma “boa vida” e marcando as relações familiares. O *paper* busca demonstrar que, ao contrário do que se poderia pensar, neste universo, circulação e movimento – de cônjuges, pais, mães, crianças, bens e valores – não são fatores desestruturantes do universo familiar, mas são elementos fundamentais para a manutenção e fortalecimento dos laços de solidariedade entre pais, mães e filhos. Convido o leitor, portanto, a uma breve viagem ao mundo familiar cabo-verdiano, onde aqueles que são próximos ou distantes não estão pré-dados, mas são construídos pela dinâmica das relações cotidianas.

Construindo proximidades

A emigração cabo-verdiana é um fenômeno tão central que não passa despercebida por estudiosos ou curiosos que se aproximem desta sociedade por alguma razão. Não foi diferente no meu caso. Ao estudar a organização familiar em uma das dez ilhas que formam o arquipélago, não pude deixar de analisá-la levando em conta a emigração de mulheres que partem da ilha em idade adulta, deixando filhos, companheiros e demais familiares².

Preocupada em entender como essas famílias espalhadas se configuravam e como suas relações e sentimentos se mantinham em situações de distância física e temporal prolongada, acabei por observar que a mobilidade das pessoas não se encontrava restrita às situações de emigração de

¹ Professora adjunta do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Realizou pesquisa em Cabo Verde sobre organização familiar no contexto da emigração feminina. São temas de seu interesse a organização familiar, emigração e os diversos fluxos a partir da sociedade cabo-verdiana. Contato: andreaslobo@yahoo.com.br.

² Os dados aqui apresentados são oriundos de trabalho de campo realizado em Cabo verde, na Ilha da Boa Vista, nos anos de 2004 e 2005 por ocasião de meu doutoramento. Para um estudo mais aprofundado ver Lobo: 2006.



um dos membros, estando presente de maneira importante em outras esferas do contexto familiar. Entender como a mobilidade pode ser percebida como constituidora da família em Cabo Verde é o objetivo deste trabalho, para isso me debruço sobre as relações entre pais e filhos, dito de outra forma, estou interessada em discutir como as noções de paternidade e maternidade são definidas por relações de proximidade e distância.

Argumento que a coesão familiar na sociedade cabo-verdiana depende da força dos mecanismos para solucionar os riscos de uma estrutura que se especializou em ejetar alguns de seus membros para além do sistema social. Neste contexto, o pressuposto de que a família tem que viver junta dá lugar à outra idéia de família. Trata-se de um contexto familiar que guarda características fortes da matricentralidade sempre associada à família cabo-verdiana³, mas que ao mesmo tempo empurra as mulheres para a emigração na Europa; de famílias que percebem o binômio mãe-filho como o vínculo mais importante, porém separam-nos em nome da reprodução familiar; famílias que têm a criança como um valor fundamental, mas que as colocam para circular entre casas e localidades; famílias que constroem a idéia de parentesco por relações de partilha e proximidade, mas vivem os relacionamentos parentais à distância. Seriam estes valores ambíguos? Contraditórios?

A análise que farei busca demonstrar que o sentimento de pertencimento ou a quebra nas relações familiares depende de um equilíbrio na manutenção dos diversos princípios de filiação social que mantêm as pessoas unidas. Para isto busco inspiração no debate sobre *relatedness* sistematizado por Carsten (2004) em outro contexto etnográfico.

A partir de um debate com a teoria do parentesco (Radcliffe-Brown, 1952; Fortes, 1974; Schneider, 1984; Needham, 1971) a autora propõe que se utilize o conceito de *relatedness* como ferramenta teórica adequada para indicar as formas nativas de agir e conceituar as relações entre as pessoas. Neste trabalho, o conceito de *relatedness* será utilizado para pensar as relações genealógicas enquanto formas primárias de estabelecer conexão, um primeiro contato, uma primeira troca de fluídos. Porém, enfatiza que isto não é suficiente, pois há um espaço que precisa ser preenchido por signos de proximidade: dar e receber, dependência mútua, trocas recíprocas de materiais, cognitivas e emocionais. Como tento mostrar pela etnografia que apresento, o domínio do parentesco precisa ser praticado em solidariedade. Mais do que isso, se as relações de proximidade

³ Os estudos que tratam da organização familiar em Cabo Verde (Solomon, 1992; Dias, 2000, Monteiro, 1997 e Akesson, 2004) salientam o laço fundamental e constituinte do conceito de família: a relação mãe-filho. Na Boa Vista, esse laço é a base para a formação das redes de reciprocidade entre parentes e não parentes e que provê a estabilidade, continuidade e amplitude das relações de uma pessoa.



não acontecem dentro do universo do sangue, buscam-se caminhos em outras vias, criando-se relações de parentesco onde antes não existia.

Neste contexto, viver junto, ser criado na mesma casa, partilhar experiências e coisas são as principais fontes de identificação pessoal de um indivíduo. Sua posição na sociedade está marcada não só pelos laços de família, mas pela relação com as pessoas que acompanharam seu processo de socialização. Dada a importância da mobilidade – entre casas, povoados, ilhas e países – que acaba por gerar o que denomino de “famílias espalhadas”, as formas de criar “proximidade à distância” são os instrumentos aos quais os indivíduos recorrem na tentativa de lidarem com as inseguranças resultantes da mobilidade que caracteriza esta sociedade.

A casa assume importância central para estas pessoas, é uma marca de pertencimento. As casas são como âncoras que prendem o indivíduo a um grupo num contexto percebido como inseguro e de difícil atualização dos laços familiares. São pelas relações intra-domésticas, entre as casas, que se constrói um sentimento de identidade familiar. A experiência partilhada de viver junto é de fundamental importância, já que se opera uma intensa cooperação entre os membros.

Portanto, o conceito de *relatedness* parece dar conta do sistema de reprodução do tipo que encontramos em Cabo verde, onde a ênfase central se coloca na experiência de coabitação e cooperação doméstica entre pessoas relacionadas e tais laços dependem da perpetuação de estratégias de proximidade. A idéia de família seria então um projeto, sempre construído e reavaliado por seus membros a depender de sua capacidade de atualizar estratégias de proximidade (entendida aqui como *relatedness*). Estar presa a conceitos como o de conjugalidade, paternidade, maternidade, descendência, tais como entendidos pelos clássicos de nossa disciplina poderia implicar em percepções distorcidas e até equivocadas da realidade estudada. É preciso, portanto, procurar instrumentos que ajudem a pensar as diferentes formas familiares numa perspectiva comparativa – perspectiva esta que recusa hierarquias etnocêntricas e, ao mesmo tempo, resgata a especificidade de cada configuração social.

Paternidades e Maternidades

As formas pelas quais a proximidade é construída em Boa Vista podem ser percebidas pela amplitude do sistema de parentesco. Se, em teoria, os indivíduos fazem clara distinção entre os parentes consangüíneos e os demais a partir da categoria *nha* família (minha família); na prática, aqueles que fazem parte da família não estão, necessariamente, restritos a laços genealógicos, ou



seja, no cotidiano opera um conceito amplo de família em que o importante a se levar em conta é o tipo de relação construída por indivíduos que compõem diferentes grupos domésticos.

De acordo com o padrão ideal, as relações familiares se caracterizam por um comprometimento mútuo, contatos sociais regulares e um fluxo constante de benefícios materiais e não-materiais. Tais requisitos, fundamentais para a construção do conceito de proximidade, atuam tanto para fortalecer laços pré-existentes, quanto para ampliar o campo de relações assumidas como de parentes.

Em ambos os casos é possível observar um fluxo contínuo de bens, serviços e informações em circulação recíproca entre casas vizinhas. Bons vizinhos, assim como parentes, trocam refeições, *ajudam* com os filhos uns dos outros, cedem crianças para auxiliar nos *mandados*⁴ e, uma vez que não são parentes de verdade, podem casar os filhos entre si (arranjo preferencial). Há uma espécie de fidelidade especial entre os habitantes de uma mesma zona, um tipo de tratamento que se aproxima do sentimento que se tem para com um parente.

Fica claro que, tanto interna quanto externamente às casas, existe uma rede de solidariedade que perpassa toda a organização doméstica e inter-doméstica. A participação das mulheres em atividades geradoras de renda depende, em grande parte, da possibilidade de contar com parentes (idealmente a mãe) que *agüentem* as crianças. Essas crianças por sua vez, se sentem pertencendo tanto às unidades onde passam o dia quanto àquelas onde passam a noite.

Esse sistema é operacional em dois sentidos. Primeiro, com o elevado índice de emigração na ilha, nem sempre é possível contar com a ajuda imediata de uma mãe ou irmã que, estando por perto, são as primeiras com quem uma pessoa pode contar para deixar os filhos, ajudar em alguma tarefa doméstica ou mesmo, num momento de dificuldade financeira. Ao ampliar as regras de reciprocidade àquelas que vivem próximas e em uma relação de vizinhança, as mulheres de uma mesma localidade garantem um aumento de suas possibilidades ocupacionais, uma vez que têm sempre a garantia de que alguém a ajudará na criação dos filhos ou em casos de necessidade. Segundo, a rede de solidariedade também é fundamental no sentido de diminuir a dependência da mulher face ao companheiro, pois, na visão das mulheres com o homem *não se pode contar*.

Nesse sentido, além das mulheres, as crianças são elos fundamentais na manutenção das redes de solidariedade. Crianças dos cinco aos 10 anos são os mais freqüentes mediadores entre as casas. Elas são os veículos de mensagens, presentes e itens de troca (alimentos, utensílios

⁴ Categoria utilizada para se referir aos afazeres cotidianos do contexto doméstico – manutenção da casa em geral, limpeza, cuidados com as crianças, compras e confecção de alimentos etc. Como veremos, grande parte dos *mandados* são de responsabilidade das crianças.



domésticos, dinheiro). São as crianças que as mulheres enviam com coisas e alimentos que são fundamentais para a reciprocidade que mantém as casas relacionadas.

Faz parte dos *mandados* das crianças irem às lojas para compras de alimentos, realizar a venda porta-à-porta de alimentos produzidos pelas mulheres, transportar coisas e alimentos entre as casas etc. Além de levar e trazer dinheiro, alimentos e bens materiais, as crianças também levam e trazem palavras entre as casas, transportando recados e rumores. Em situações de conflitos entre famílias, elas são as únicas que podem circular entre duas casas em que os adultos não mais circulam. Crianças, por sua característica mobilidade, personificam e reproduzem grande parte das relações de troca que são necessárias para a manutenção desse conceito amplo de família⁵.

Além da circulação cotidiana, estar entre as casas tem outro significado. A mobilidade se estende ao que podemos chamar de circulação⁶ de crianças. O sentido aqui é de que outros, parentes ou não, podem *agüentar* (cuidar de) uma criança por um tempo determinado. Isso ocorre com frequência entre pessoas que se tratam como parentes. Crianças, além de serem veículos importantes para a partilha e a troca recíproca, são também objetos de partilha e reciprocidade.

Dos jovens e adultos que mantive contato em campo, raros eram aqueles que haviam residido em apenas uma casa ao longo de sua vida. O mais frequente é que uma criança resida mais ou menos permanentemente na casa de um parente próximo à mãe, especialmente com a avó materna. Os arranjos e motivos para dar uma criança à outra casa são variados. A variação também inclui o tempo de residência, a criança pode permanecer numa casa por meses, anos ou toda a vida. Receber uma criança de outro, especialmente quando a situação não envolve parentesco consanguíneo, significa ser solidário e faz parte da dinâmica local.

Esther Goody (1982), em seu estudo sobre os Gonjas da África Ocidental, mostra que as crianças circulam com o objetivo de entrelaçar ramos geograficamente dispersos do grupo familiar. Ao falar de circulação de crianças, a autora diferencia entre circulação de crise e voluntária. No caso desta última, o objetivo seria de cimentar laços de parentesco, o filho visto como um recurso da família. Sendo assim *fostering* não pode ser tomado somente em termos do micro-movimento de crianças, mas como uma forma de replicação e reprodução da sociedade.

⁵ Apesar de sua ampla inserção na vida comunitária, há dois momentos da sociabilidade que lhes são interditados, situações de doença e morte. As casas de doentes graves ou a casa do morto são os únicos lugares na Boa Vista que não encontramos crianças. Essas visitas têm um forte caráter de obrigatoriedade e formalidade. Há pouca conversa, muita bebida e comida e uma atmosfera quieta. A criança não é bem vinda nesses eventos.

⁶ Utilizo circulação de crianças aqui no sentido do inglês “foster children”. Adoção não é a categoria adequada no meu caso, visto que a circulação de crianças não tem um caráter formal ou fixo. Claudia Fonseca (2006) também adota o termo circulação ao tratar de seu caso de estudo na periferia de Porto Alegre.



Esta hipótese nos leva a refletir sobre alguns aspectos do caso cabo-verdiano. A facilidade que as crianças têm em circular entre as casas compensa várias tendências que poderiam, de outra forma, enfraquecer a solidariedade do grupo familiar como um todo. Ao cuidar de um neto, por exemplo, uma mulher justifica sua demanda de apoio material e de afeto aos seus próprios filhos. As avós recebem benefícios especiais ao cuidar de um neto: aumentam a chance de receber ajuda filial e consolidam seu direito ao apoio da rede de parentes.

Além de unir gerações numa fase do ciclo doméstico que poderia ser caracterizada pela dispersão, as crianças podem contrapor a tendência masculina a se afastar do novo grupo familiar. Uma mulher, a depender do contexto, abriga filhos de um homem parente seu. Mães podem cuidar dos filhos de seus *filhos* ou mesmo as irmãs abrigam filhos de seu *irmão*. Avós e tias paternas seriam, portanto, o elo entre o pai e seus filhos. Mesmo que a criança não resida com parentes paternos, pela mobilidade entre as casas no transporte de coisas e alimentos, elas aproximam os laços de afinidade. Num contexto em que a relação afetiva entre *mãe-de-filho* e *pai-de-filho*⁷ é, num primeiro momento, marcada pela instabilidade, a criança oriunda dessa relação, pela circulação, cria um elo entre as famílias, elo que pode garantir que o homem retorne ciclicamente àquela mulher, acabando por se fixar em uma relação conjugal (daí a importância de ser *mãe-de-filho*).

Nos casos de emigração, a depender da relação que se estabelece entre mães e filhos à distância, as mães não sentem que abandonaram seus filhos e estes não se sentem abandonados. O fato de deixar os filhos com outra, mesmo que esta seja sua avó materna (a preferencial), implica a idéia de um sacrifício da mãe em razão do benefício da criança e do grupo familiar. Quem fica com a criança, vê seu ato como solidário e como possibilidade de manter e intensificar relações com a emigrante. Além disso, a companhia das crianças dá um sentido especial à rotina diária, dá prazer e diversão. As crianças não são um fardo, são uma dádiva. *Agüentar* uma criança preenche o dia, garante interação social com vizinhos, permite o compartilhamento dos afazeres domésticos, é fonte de afeto, é elo entre mulheres e, por extensão, entre unidades domésticas.

Compartilhar crianças é uma estratégia importante que diminui a ameaça de afrouxar a solidariedade entre parentes advinda de uma valorização da mobilidade social. Como nos afirma Fonseca (2006) em seu caso de estudo sobre circulação de crianças na periferia de Porto Alegre, entender que a movimentação das crianças no tempo e no espaço, entre gerações e entre as casas, não é um problema, mas um processo que faz parte da dinâmica social nos faz perceber essa

⁷ Esses são os termos comumente utilizados para se referir aquele ou àquela com quem ego teve um filho. Além disso, quando o casal mantém uma relação conjugal, esse é o termo que se usa para se referir ao companheiro ou companheira, *meu pai-de-filho* ou *minha mãe-de-filho*.



organização familiar não como um modelo alternativo (que existe quando há um modelo ideal) ou muito menos como anomalia, é apenas outra forma de organização social. Assim como o nosso, é um sistema entre tantos outros.

Neste ponto, é preciso chamar atenção para a relação entre circulação de crianças e maternidade. Um observador desatento poderia concluir que o compartilhamento de crianças seria uma estratégia utilizada para casos em que a maternidade não pode ser plenamente exercida, como por exemplo, nos casos de emigração feminina. Esta seria uma conclusão equivocada. A relação entre mãe e filhos, tem um caráter muito especial em Cabo Verde, e vou além, se há alguma relação percebida como duradoura e estável nesta esfera familiar, é esta que liga as mães aos filhos. O que a análise da mobilidade das crianças revela é que a maternidade no caso cabo-verdiano não está restrita a uma única mulher, incorpora a avó.

Quando nasce uma criança, mãe e avó se mobilizam e se complementam na tarefa de criá-la e educá-la. De certa forma, para uma criança, estar com a avó é complementar a estar com a mãe e isso se expressa pela complementaridade dos termos “mãe” e “mamã”. Maternidade é, portanto, uma categoria social e só pode ser completamente exercida pela ação conjunta de duas gerações. Ser mãe é um processo que começa quando nasce uma criança e só atinge sua plenitude quando a mulher se torna avó, sendo necessária a presença das duas mulheres para que se possa criar e prover uma criança.

A mobilidade também influi no processo de construção da paternidade. O papel do pai vai variar a depender do padrão de residência adotado. De forma geral, a relação entre pai e filho será mais ou menos intensa conforme os pais vivam ou não juntos. Nos casos em que o pai vive separado fisicamente da mãe, seu papel se restringe a visitas periódicas aos filhos. Quanto à ajuda econômica, isso dependerá de diversos fatores e não são raros os casos em que as mães reclamam de não receber qualquer apoio financeiro do *pai-de-filho*. Mesmo nos casos em que pais e filhos residem numa mesma casa, o laço emocional com o pai é frouxo, a relação é caracterizada pela distância, enquanto no que diz respeito à mãe, percebe-se uma grande proximidade e um grande calor afetivo.

É importante salientar que não há uma ausência de relação entre pai e filho, essa relação existe e é mediada por um sentimento de respeito à autoridade paterna, é ele quem impõe autoridade e os filhos devem respeitá-lo. Porém, entre os filhos, também há um sentimento muito próximo daquele relatado pelas mulheres quando se referem à presença do marido na casa, sempre como uma figura com quem *não se pode contar*. Isso não apenas no sentido financeiro, pois geralmente é



a mãe ou a avó que assume as despesas escolares e de alimentação dos filhos, mas também na esfera psicológica e na transmissão de saberes, domínios pelos quais o pai passa distante, especialmente na fase em que os filhos ainda são crianças. Voltamos, então, à importância da mobilidade das crianças que, ao circular livremente nas unidades domésticas da família paterna, “fazem” a relação com os pais por meio das mulheres da família.

Essa relação de distância não retira ao pai o desejo de ter filhos. Na maioria dos casos, a mulher engravida a pedido do namorado ou companheiro e ele espalha a boa novidade a todos, com orgulho e alegria. Ter um filho é um valor importante no universo masculino, assim como ter uma mulher (ou várias). Ambos são símbolos de masculinidade e exibidos constantemente nas rodas de conversas entre homens. Porém, enquanto as mulheres valorizam a ideia de estar próximo, os homens se envolvem com o universo doméstico por meio de um *pertencimento distante*. O homem deve ter uma família (e isso significa ter filhos), mas seu relacionamento com ela é marcado por um distanciamento relativo, mediado pelas relações que se constroem entre mulheres e crianças das duas famílias envolvidas.

Considerações Finais

Assim como a família, maternidade e paternidade em Cabo verde não devem ser entendidas em nossos termos. Devem, antes, ser analisadas no contexto da solidariedade feminina. Quando nasce uma criança, mães e avós (materna e paternas) se mobilizam e se complementam na tarefa de criá-la e educá-la. De certa forma, para uma criança, estar com a avó é complementar a estar com a mãe e isso se expressa pela complementaridade dos termos “mãe” e “mamã”. Sendo assim, podemos entender a maternidade como um fato social que gera complementaridade entre gerações e entre afins, a mobilidade da criança operando no sentido de fortalecer tais relações entre mulheres.

A centralidade feminina é, portanto, uma característica fundamental deste modo de organização familiar e a dispersão das funções entre duas ou mais mulheres não leva, como se poderia pensar, num enfraquecimento dos laços entre mães e filhos ou mesmo entre os membros da família. Neste contexto, a partilha - de bens, alimentos e até crianças - não enfraquece, pelo contrário só vem a fortalecer a reprodução do sistema. A mobilidade e o compartilhamento são valores que criam e recriam relações familiares.

Tudo isso deve ser entendido face à posição do homem na esfera doméstica. Dadas as características fluídas da conjugalidade, as dificuldades financeiras e o *ethos* masculino, o homem enquanto marido e pai é figura distante na esfera doméstica boa-vistense. Especialmente na



perspectiva dos filhos, o pai se apresenta na forma de uma “presença ausente”. Apesar de próximo fisicamente, por que não partilha, não troca e não “vive junto”, a relação é marcada pela distância emocional. A rede feminina se constitui, então, como estratégia eficaz para compensar a ausência do marido e do pai.

O que posso concluir deste percurso é que a família que encontrei em Boa Vista é um projeto. Ou seja, é resultado de negociações constantes entre os membros, passando pelos desafios inerentes à valorização dada à mobilidade enquanto estratégia de reprodução. Este entendimento parte da observação e análise das práticas nos universos familiares no interior dos quais as pessoas que conheci se constroem enquanto tais. Espero que esta opção tenha tornado menos obscuras as formas como estas famílias se organizam e as maneiras como as pessoas se constituem enquanto membros de um grupo, independente da proximidade física entre elas.

Referências bibliográficas

- AKESSON, L. *To make a life: meanings of migration in the transnational homeland of Cape Verde*. PhD Thesis. Department of Social Anthropology, University of Gothenburg. 2004.
- CARSTEN. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.
- DIAS, J. B. *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília. . 2000.
- FORTES, M. *O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico*. Brasília: UnB. 1974.
- GOODY, E. *Parenthood and social reproduction: fostering and occupational roles in West Africa*. Cambridge: Cambridge University Press. 1982.
- LOBO, A. *Tão Longe e Tão Perto. Organização família e emigração feminina na Ilha de Boa Vista - Cabo Verde*. Tese de Doutorado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília. 2006.
- MONTEIRO, C. A. *Comunidade Imigrada. Visão sociológica. O caso da Itália*. Praia: Edição do autor 1997.
- NEEDHAM, R. “Introduction”. In Rodney Needham (org.), *Rethinking Kinship and Marriage*, Tavistock: ASA Monographs. 1971.
- OLWIG, K. F. e SORENSEN, S. “Narratives of the children left behind: home and identity in globalised Caribbean families” .2002.
- PARKIN, D & NYAMWAYA, D. (eds.). *Transformations of African Marriage*. Manchester: Manchester University Press. 1987.



RADCLIFFE-BROWN, B. "Introduction". In A.R. Radcliffe-Brown and D. Forde (eds.), *African Systems of Kinship and Marriage*, London: Oxford University Press. 1952.

SCHNEIDER, D. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 1984.

SOLOMON, M. J. *We can even feel that we are poor, but we have a strong and rich spirit: learning from the lives and organization of the women of Tira Chapéu, Cape Verde*. A dissertation in Education presented to the Graduate School of The University of Massachusetts. 1992.